PQ
9198
A7
1875

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9192
Book .A7
1875

Ao Ill.mo e Ex.mo Sr

Conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio

Ministro e Secretario

d'Estado dos Negocios do Reino

TRES EXCERPTOS

DOS

LUSIADAS

Camões, Luiz de

TRES EXCERPTOS

DOS

LUSIADAS

Trasladados em versos latinos

POR

ANTONIO JOSÉ VIALE

Eu não me queixarei que me reprenda
O sabio, o virtuoso, o amigo puro,
E, sendo mister mais, que a mais se estenda.

DIOGO BERNARDES, *Carta X.*

1875

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

PQ9198
.A7
1875

AO PRECLARISSIMO

MARQUEZ D'AVILA E DE BOLAMA

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias

COM PROFUNDO RESPEITO

O. C. D.

ESTE OPUSCULO

O trasladador.

ANTELOQUIO

O obscuro trasladador do episodio camoniano de D. Ignez de Castro não ousou chamar traducção áquella sua tentativa litteraria : aspirou apenas ao titulo de paraphrasta. Na sua *Miscellanea Hellenico-Litteraria* (pag. 145) expendeu concisamente as suas idéas sobre os differentes modos de verter em verso obras escriptas em verso. Os tres excerptos que hoje publica, trespassados da mesma epopéa do nosso Homero, ou antes do nosso Virgilio portuguez, estarão exactamente no mesmo caso que o sobredito episodio latinisado? Poder-se-hão chamar mais que paraphrase, verdadeira traducção? Decidam-no os eruditos e doutos que tem competencia para ajuizar e sentenciar

sobre o assumpto, como conhecedores do idioma romano, e da linguagem poetica, e que ao mesmo tempo não são insensiveis á melodia dos versos, nem pouco scientes das severas regras da metrificação latina. Elles certamente não ignoram a summa difficuldade de uma boa traducção poetica, principalmente se houver de ser feita de verso para verso, em numero de versos igual ao do original, ou ainda menor, e mais que tudo se a traducção for de obra composta em uma lingua viva para uma lingua morta. Os verdadeiros sabios e litteratos conhecem igualmente a *absoluta impossibilidade* de expressar em uma versão poetica, havendo de luctar constantemente com as difficuldades metricas, todos os epithetos, todas as delicadezas do original, especialmente quando o auctor original é um Tasso, um Milton, um Byron, um Klopstock, um Camões. Relevarão portanto, com a benevolencia que sempre caracterisa os engenhos de superior esphera, algumas raras omissões, e tambem algumas breves addições que notarem na versão d'estes excerptos, conferida com o texto; omissões e addições tornadas necessarias por motivos que não escaparão á sua sagacidade.

Versões litteraes só podem fazer-se em prosa. Taes são as que se lêem em grande numero de edições de classicos gregos, nas quaes o texto vem acompanhado de trasladação latina palavra por palavra; e ainda assim, não poucas vezes, se accrescenta n'ellas algum vocabulo, para melhor intelligencia do texto.

N'este gosto eis aqui uma versão da estancia 54 do IX canto dos Lusiadas:

Tres pulchri colles *(ibi)* ostendebantur,
Qui se attollebant cum superbia venusta:
Qui gramine gemmato adornati erant,
In pulchra insula, laeta, et oblectante.
Clari fontes ac limpidi manabant
A vertice, qui habet plantas et herbas luxuriantes.
Inter lapides albos derivatur
Sonora lympha fugitiva.

Quem poderá achar deleite na leitura d'estas oito linhas, aliás fiel traducção de tão bella e tão mimosa oitava original? Quem teria paciencia para ler um inteiro canto da epopéa camoniana, vertido assim á lettra, palavra por palavra?

Em contraposição á insulsa fidelidade litteral, veja-se agora um exemplo de liberdade paraphrastica:

Helena (Iliada, liv. III, vv. 236-242) assentada entre os anciãos e proceres troianos no alto de uma torre, tendo mostrado a Priamo, a rogo do longevo monarcha, os mais famosos caudilhos do exercito grego, reunidos no campo para presenciarem o duello entre Menelao e Paris, estranha não ver n'elle seus irmãos Castor e Pollux, e exprime ao rei a sua admiração em termos muito concisos. Homero, tendo referido a breve falla da princeza espartana, explica-nos a causa da ausencia dos Dioscuros, em menos de

dois versos. Eil-os aqui segundo a versão escholar latina:

Sic dixit: hos autem jam continebat alma terra,
In Lacedaemone isthic, dilecta in patria terra (v. 244 e 245).

Pope, na sua celeberrima translação da Iliada, amplifica estes dois versos da maneira seguinte:

So spoke the fair, nor knew her brothers doom,
Wrapt in the cold embraces of the tomb;
Adorn'd with honours, in their native shore,
Silent they slept, and heard of wars no more.

Outro exemplo:

No sagrado livro dos Cantares (cap. II, v. 15) a esposa, em seu colloquio com o esposo, diz, conforme a vulgata, o seguinte:

«*Capite nobis vulpes parvulas, quae demoliuntur vineas, nam vinea nostra floruit.*»

O eloquentissimo orador e suavissimo poeta italiano, Evasio Leone, na sua *traducção* (como elle lhe chama) do poema biblico, dá a este simples versiculo o desenvolvimento que vae ver-se:

Amici tendete
Il laccio, la rete,
Alcun non riposi,
Di star neghitosi
Più tempo non è.

Di pampini adorne,
Già ridon le vigne;
Ah! belve maligne
Non ponganvi il piè. (1)

Fallando em geral n'esta materia, duas cousas parecem fóra de duvida, e vem a ser: as versões litteraes tem grande utilidade para por ellas se estudarem os textos: as paraphrases são muito mais agradaveis para serem lidas, especialmente por quem não está no caso de saborear-se na leitura dos originaes. Porém, entre a paraphrase á maneira de Pope e de Leone, e a versão litteral *de verbo ad verbum,* não haverá um meio termo? N'esse meio termo poz mira o trasladador d'estes trechos da epopéa nacional.

Se, relativamente a similhantes tentames, por serem não mais que versões de curtos excerptos, se póde dizer *in tenui labor;* por outra parte, se o desempenho não for inteiramente infeliz, será mal cabida ufania completar a respeito d'elles o pensamento virgiliano, que é inutil transcrever, porque occorrerá naturalmente á memoria de todo o leitor erudito?

Demais, tambem, se por um lado, tentativas similhantes podem ser havidas (principalmente no conceito do vulgo dos eruditos, profanos nos mysterios das Musas) como meras futilidades; por outro lado, os mais rigidos positivistas e desprezadores de tudo o que não é directa e proximamente *util,* talvez se dignem exceptual-as da sua repro-

vação, considerando-as como um bem merecido preito de estima e quasi devoção, prestado ao sublime genio do nosso grande epico.

Em identico assumpto tem recentemente exercitado seu bello engenho dois distinctos professores; um brazileiro, o sr. Castro Lopes, e outro, nosso compatricio, o sr. Santa Clara (2); ambos elles, mas principalmente o segundo, muito mais fieis interpretes de Camões do que o foi na inteira paraphrase dos Lusiadas o, aliás douto, bispo de Targa D. Thomé de Faria.

O presente folheto contém a traslação (com o texto em frente) de tres excerptos dos Lusiadas: 1.º A proposição do poema. 2.º A invocação ás Tagides. 3.º A descripção da Ilha dos Amores (3). Os dois primeiros, que são os mais curtos, dispensam bem qualquer preambulo. Relativamente ao 3.º não serão fóra de proposito algumas observações.

A descripção da Ilha dos Amores (tambem chamada Ilha de Venus e Ilha dos Namorados) que se lê no canto IX dos Lusiadas, estancias 54 a 63, no seu genero não tem rival nas litteraturas antigas nem nas modernas, excepto na do Jardim de Armida (canto XVI da *Jerusalem Libertada,* estancias 9 a 16). Ainda assim pode plausivelmente sustentar-se que ao cantor do Gama não foi arrancada a palma da victoria pelo cantor de Godofredo; se bem que o vate sorrentino ficou indisputavelmente superior,

em assumpto similhante, ao insigne humanista e distincto poeta Angelo Poliziano (4). Formosissima é sem duvida a descripção, alludida, do jardim da amante de Rinaldo; mas quem attenta e imparcialmenle a confrontar com a camoniana, não hesitará em preferir-lhe a do vate portuguez, a qual, de mais a mais, tem o merecimento da prioridade. Jocosamente póde dizer-se que Armida, dispondo de todos os recursos do seu magico poder, obrára maravilhas sobre maravilhas, para reter em seus laços, no encantado palacio e contiguos vergeis, o Achilles estense, o principe guerreiro, Rinaldo. Venus, filha do nume supremo, deusa do prazer, dadivosa e prodiga de finezas, preparou aos seus favorecidos argonautas portuguezes, para os refocillar das maritimas fadigas, o mais gazalhoso hospicio, em uma ilha toda delicias e fragrancias, paragem encantadora em que só a natureza, sem auxilio da arte, ostentava todas suas galas e louçanias. Porém agora, de siso. No entender de quem escreve estas linhas, Torquato Tasso na sua esmeradissima descripção foi artista egregio, sublime: Camões, na sua, foi mimosissimo, quasi divino. Com a do nosso epico mal podem ser comparadas a do delicioso bosque em torno de Lanca, cidade de Ravana (Liv. IV, cap. 15 do Ramayana) (5), a do vergel de Alcinoo (Liv. VII da Odysséa) e a do jardim de Alcina (no canto VII do *Orlando Furioso)*. Todas tres são uns como esboços, magistralmente desenhados por um dos Caraccis: a de Camões é como um

painel não menos habilmente delineado, mas além d'isso colorido pelo pincel de Ticiano.

Porém onde fica, perguntará o leitor, a descripção tão minuciosa, tão brincada, tão recheada de erudição mythologica, do jardim de Circe, no canto I da Ulysséa? Em abono da verdade, cumpre confessar que, nas dezesete oitavas de que ella consta, se acham pensamentos subtis e delicados, exprimidos quasi sempre em versos bem torneados e melodiosos. O auctor, Gabriel Pereira de Castro, que aspirou a disputar a Luiz de Camões o principado na epopéa portugueza, parece haver forcejado, principalmente no indicado trecho, por exceder o grande vate que pretendia desenthronisar. Frustrado ficou o temerario arrojo. Cotejem os intelligentes leitores as duas descripções, e, em quanto na dos Lusiadas, juizes severos e imparciaes difficilmente acharão fundamento para critica desabonadora (6) sob qualquer aspecto que a considerem, na da Ulysséa, a par de indisputaveis bellezas, notarão não poucas imperfeições, que, se de todo não lhe empanam o brilho, ao menos em alguma parte a desprimoram. Por exemplo: Fallando da vide, diz Camões:

Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, co'uns cachos roxos, outros verdes (est. 54)

O seu competidor:

Vides opprimem os olmos abraçadas,
Verdes maridos com que estão casadas (est. 84)

Não menos engenho, e certamente mais bem regrado, mostrou Vasco Mousinho de Quevedo na descripção dos jardins encantados, no canto IX do seu *Affonso Africano;* todavia não igualou os primores da deliciosa paizagem da Ilha de Venus.

Outras descripções ou pinturas similhantes, de hortos, vergeis ou bosques, nenhuma d'ellas carecente de peculiar galhardia, se lêem, e com prazer, em poemas mais modernos; taes como a dos jardins da Volupia, no *Adonis do Cavalleiro Marino,* cantos VI e VII (7), a do templo de Venus e dos jardins da Idalia, no canto IX da *Henriade* de Voltaire; nos cantos IV, VII e IX do recente poema heroico intitulado *Cadmo*, obra do conego toscano Pedro Bagnoli, no qual se celebram os primordios da civilisação asiatica e europea (8). Porém nenhuma de taes descripções tem a amenidade, o viço, as naturaes e singelas graças da camoniana, e o nosso vate, n'esta como em outras partes do grande monumento epico que nos legou, eleva-se acima de seus competidores antigos e modernos (exceptuando sempre o immortal Torquato Tasso),

Quantum lenta solent inter viburna cupressi.

É quasi escusado accrescentar que a indicada superioridade de Camões não póde referir-se á pintura dos Campos-Elysios no VI livro da Eneida, tão peregrinamente imitada, e com melhoria, mas em prosa, por Fénélon, no livro VIII do seu *Telemaco*, e ainda muito menos á sobre todas ma-

gnificentissima pintura do Eden, no *Paraiso Perdido* de Milton (canto IV). Pela grande differença dos assumptos, e pela diversidade dos sentimentos de que estavam animados, respectivamente, os dois grandes poetas ultimamente nomeados, e o sabio preceptor do duque de Borgonha, as alludidas descripções, com que esmaltaram suas obras immortaes, não ministram rasoavel fundamento para um parallelo com o donairoso excerpto, cuja traslação latina, em frente do texto portuguez, se offerece n'este folheto aos cultores das letras amenas.

gnificentissima pintura do Eden, no *Paraiso Perdido* de Milton (canto IV). Pela grande differença dos assumptos, e pela diversidade dos sentimentos de que estavam animados, respectivamente, os dois grandes poetas ultimamente nomeados, e o sabio preceptor do duque de Borgonha, as alludidas descripções, com que esmaltaram suas obras immortaes, não ministram rasoavel fundamento para um parallelo com o donairoso excerpto, cuja traslação latina, em frente do texto portuguez, se offerece n'este folheto aos cultores das letras amenas.

PROPOSIÇÃO DOS LUSIADAS

1

As armas, e os barões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

2

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A fé, o imperio, e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando;
E aquelles que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei per toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

1

Arma virosque cano, virtute et nomine claros,
Occiduis lusis qui, firmo pectore, ab oris,
Per maria haud ullis unquam transmissa carinis,
Ultra Taprobanes egerunt littora naves;
Indomitique simul pelagi bellique periclis,
Plus quam mortales soleant promittere vires,
Fundavere novum, gentes interque remotas,
Ipsi quod mire evexere ad sidera, regnum:

2

Et reges, legem Christi queis maxima cura
Propagare fuit, regnique extendere fines;
Quique Asiae terras, terras Libyaeque, probrosis
Immersas vitiis, devastavere, timendi;
Quique sibi famam factis peperere perennem,
Qua potuere immitis legem eludere mortis;
Laude mea celebres conabor reddere ubique,
Artis et ingenii si non mi copia desit.

3

Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das victorias que tiveram:
Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

3

Cesset fama Ithacum, Trojanum extollere cesset,
Qui longe lateque dederunt carbasa ventis:
Cedat Alexander, Trajanus cedat, honores
Summos quîs dedit, et virides victoria palmas;
Namque ego jam peragam lusae praeconia gentis,
Cui cessit Mavors, cessit Neptunus et ipse:
Nunc sileant Musae veterum pulcherrima gesta;
Major nostrorum virtus se tollit ad astra.

INVOCAÇÃO

4

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente,
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

5

Dai-me uma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tam sublime preço cabe em verso.

4

Vosque, Tagi Nymphae, quae nostro in pectore, faustae,
Ingenium jamdudum ardensque novumque creastis,
Vestrum si fluvium, viridanti gramine amoenum,
Laete cantavi, deducto carmine, semper;
Magna sonaturum vestro concedite vati
Os nunc, eloquiumque fluens, sublime simulque,
Ut vestri latices, Phaebo cantore jubente,
Lymphis non cedant Aganippidos Hippocrenes.

5

Musarum sacro me vos afflate furore,
Et non quem lotos poscit vel rustica avena,
Sed qualem deceat feralis buccina belli,
Pectora quae inflammat, vultûs mutatque colorem.
Inspirate mihi cantum quo fortia facta
Lysiadum possim digne celebrare virorum,
Queis Mars semper adest: toto cantentur iu orbe,
Si possunt tales comprendi carmine laudes.

DESCRIPÇÃO

DA

ILHA DOS AMORES

Excerpto do IX canto des Lusiadas

54

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

55

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem, que se estende
Tam bella, quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

54

Tres colles videas illic assurgere in altum,
In quibus elucet cum majestate venustas:
Omnes ostentant molli se gramine laetos,
Insula quo clivos et campos vestit amoenos.
E celso illimes manabant vertice fontes
Frondifero, atque simul consperso floribus, herbis.
Inter ibi albentes trepidat, teretesque lapillos,
Obliquo fugiens rivo, cum murmure, lympha.

55

In vallem irriguam, quae colles findit apricos,
Confluit, ex illis dimanans, cursus aquarum,
Quae faciunt stagnum, quod late extenditur: illo
Pulchrius ipsa sibi nil mens effingere posset:
Desuper impendit viridis, gratissima, sylva,
Quae, tanquam ad cultum sese componere velit,
Se spectat speculo laticis, quo pingitur ipsa.

56

Mil arvores estão ao céo subindo,
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão, que está cahindo,
A cidreira co'os pesos amarellos:
Os formosos limões alli cheirando
Estão virgineas tetas imitando.

57

As arvores agrestes, que os outeiros
Têem com frondente coma ennobrecidos,
Álamos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deus amados e queridos:
Myrtos de Cytheréa, co'os pinheiros
De Cybéle, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Pera onde é posto o ethéreo paraiso.

58

Os dões, que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome têem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

56

Arboribus campi proceris mille nitescunt,
Quas fructus onerant, formosum pondus, odori :
Aurea mala comae referunt, matura, colorem,
Quo pulchro enituit quondam pulcherrima Daphne :
Flectitur usque solum, pomorum pondere, citrus ;
Deliciisque novis, fragrantia citria mala
Formâ virgineas imitantur paene papillas.

57

Sylvestres trunci colles hos frondibus ornant :
Populus, Alcmenes arbos carissima proli ;
Laurus, quam semper dilexit flavus Apollo ;
Myrtus, quam Veneri cuncti novere dicatam ;
Et pinus Cybeles, alii jam subdita amori :
Monstrat, non patula, in nubes elata cupressus
Sint ubi divorum coetus sedesque beatae.

58

Munera Pomonae, nostro quaesita labore,
Hîc natura ferax gignit non indiga cultus,
Et meliora etiam, suavi varioque sapore :
Purpureas cerasos, dulces, pariterque nitentes ;
Moraque, quae uomen ducunt a nomine amorum ;
Pomum quod patria nobis a Perside venit,
Factumque est melius terrâ plantatum alienâ.

59

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr com que tu, rubi, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos, outros verdes:
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

60

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina;
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor cephisia inclina
Sobolo tanque lúcido e sereno:
Florece o filho e neto de Ciniras,
Por quem tu, deusa paphia, inda suspiras.

61

Pera julgar difficil cousa fôra,
No céo vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora,
As violas, da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

59

Punica mala, suo jam rupto cortice, pandunt
Grana, quibus frustra certet carbunculus ipse;
Arcte juncta ulmo, vitis jucunda renidet;
Uvae insunt virides, alias jam purpura vestit:
Vos pyra, pyramidum quae formam, pulchra, refertis,
Arbore fecunda in vestra si vivere vultis,
Tradite vos damno, certo quod tempore, rostris
Suevit gens avium vobis inferre, molesta.

60

Ornantur tenero spatiosi gramine campi,
Cedere Achaemenii cui debent jure tapetes,
Qui magis in cunctis, speciosus, reddit amoenam
Umbriferam vallem, et grate vernantia prata.
Flos caput inclinat Cephisius, aureus, illic,
In stagnum, nitidum semper, semperque serenum:
Juxta floret ibi Cinyrae natusque neposque,
Cujus amore flagras, tenerorum mater Amorum.

61

Non facili indicio quivis discernere posset,
In caelo similes cernens terrâque colores,
Praeberetne illi pudibunda aurora ruborem,
Anne color talis datus huic a floribus esset.
Illic pingebant Zephyrusque, et candida Flora,
Halantes violas, quas ornat pallor amantum;
Lilia rubra, rosas, quas dicas murice tinctas,
Quales effulgent formosae in virginis ore.

62

A candida cecem, das matutinas
Lagrymas rociada, e a mangerona:
Vêem-se as lettras nas flores hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando vôam,
Alegres animaes o chão povoam.

63

Ao longo d'agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa matta, ou timida gazella;
Alli no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

62

Mollis floret amaracus, alba ibi lilia florent,
Aurorae lacrymis quae mane aspersa madescunt;
Tristis dupla nota inscripta est in flore Hyacinthi,
Latonae clarus quem mire natus amavit.
Fructus si spectes, si spectes undique flores,
Pomonam et Chlorim inter se certasse putabis.
Aere dum laete volitant, cantantque volucres,
Saltibus et campis animalia laeta vagantur.

63

Cantat olor niveus jucundae in margine fontis;
Illi respondet ramis Philomela latescens:
Actaeon placidis cernit sua cornua lymphis,
Nec timet, illorum magnam quum conspicit nmbram.
Hâc, pavidus lepus et pariter timidissima dorcas,
Dissiliunt, curruntque a sylvis, arva petentes;
Illâc, ore affert natis implumibus escam,
Ad nidum festinans, parva, levisque volucris.

NOTAS AO ANTELOQUIO

---

(1) *Il Cantico dei Cantici*, tradotto ed illustrato da Evasio Leone. Milano, 1818, pag. 64.

(2) Castro Lopes — *Musa Latina*. Potamopoli, 1868. E um livrinho em 12.°, nitidamente impresso, que contém, além de outras peças em latim, traduzidas em versos latinos algumas lyras de Dirceu, e uma versão, tambem em versos latinos, do famoso episodio dos Lusiadas D. Ignez de Castro. — *Imitação* do episodio do canto III dos Lusiadas... em versos latinos, por Francisco de Paula Santa Clara, professor de lingua latina em Coimbra. Coimbra, 1875. O sr. Santa Clara foi excessivamente modesto em chamar imitação o que na realidade é uma versão assás fiel.

(3) Merece ser lido com attenção o opusculo que a respeito da situação d'esta ilha escreveu e publicou no Porto, em 1843, o sr. José Gomes Monteiro.

(4) Stanze di Angelo Poliziano per la giostra di Giul. Medicis. Venezia, 1825. Leiam-se as estancias 70 a 92 do livro I.

(5) V. Eichhoff — *Poésies heroiques des Indous*, pag. 156, em que elle traduz, primeiramente em prosa franceza, e depois em hexametros latinos, o lindo trecho descriptivo do bosque de Lanca, extrahido da immensa epopéa de Valmiki.

(6) A um reparo critico feito á graciosissima paizagem da ilha de Venus pelo sabio barão Alexandre de Humboldt, respondeu triumphantemente o sr. José Gomes Monteiro no curioso, erudito e muito bem escripto opusculo já citado, que tem por titulo: *Carta ao Ill.mo Sr. Thomaz Norton sobre a situação da Ilha de Venus.*

(7) *L'Adone, poema del Cavalier Marino.* In Parigi, 1627. 2 vol. in-16.°

(8) *Il Cadmo,* ossia l'introduzione della civile cultura. Seconda edizione. Samminiato, 1836.

NOTAS Á TRASLAÇÃO

Est. 2, verso 5.º — *Quique sibi*, etc. Aqui ha paraphrase: a versão menos livre de dois versos em um só, seria a seguinte:

Quique valent factis legem contemnere mortis.

Est 3, verso 6.º, ... *et ipse*. — Esta emphase tem o seu fundamento na Iliada (Liv. v, verso 890 e seg., e liv. xv, verso 185 e seg.). Camões evidentemente quiz dizer que os portuguezes arrostaram, impavidos e victoriosos, todos os horrores da guerra, e todos os furores dos mares embravecidos. Ora, por uma feliz coincidencia, os dois deuses por elle nomeados, Marte e Neptuno, são representados na epopéa homerica, principalmente este segundo, como indoceis e em opposição á vontade de Jupiter. Assim obedeceram aos portuguezes as duas divindades, que só a muito custo, e com grande reluctancia, a final houveram de obedecer ao pai dos numes e rei dos homens

Aos escrupulosos em pontos de fidelidade no traduzir, que desejarem ver n'este logar vertido litteralmente o verbo portuguez *obedecer* pelo seu exacto vocabulo correspondente *parere,* offerece-se a seguinte variante:

Queis Mars paruit, et Neptunus paruit ipse.

Est. 54. Gramine *laetos*. Variante: *stratos*.

Est. 57. — Eis aqui mais fielmente vertido o ultimo verso d'esta estancia:

Aethereus felix sit ubi positus paradisus.

Que desengraçada linha metrificada! Ainda assim tornou-se indispensavel accrescentar uma palavra, o trivial epitheto *felix*.

Est. 61. — Eis aqui uma variante para os amadores da maior fidelidade:

In quo nunc etiam suspiras Cypria diva.

Paphia, por ser um pé tribracho, não podia entrar n'este hexametro; o epitheto *paphia* foi substituido por *Cypria*. Ninguem ignora que *Paphos* era uma cidade da ilha de Chypre.

ADDENDUM

O texto virgiliano, a que se allude na pag. x, pode applicar-se com mais propriedade no sentido inverso do que diz o cysne de Mantua.

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 329 194 A